

# Cosmotécnicas Ayahuasqueiras: alianças vegetais e experimentação etnográfica em contextos urbanos

*Ayahuasca Cosmotecnics: plant Alliances and Ethnographic Experimentation in Urban Contexts*

Ana Carolina de Andrade Evangelista<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo

## Resumo

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado em andamento que se debruça sobre as cosmologias e as cosmotécnicas implicadas em rituais ayahuasqueiros urbanos. A questão central que orienta a pesquisa consiste em indagar quais conhecimentos se articulam, quais entram em disputa nos processos de ressignificação dos rituais ayahuasqueiros em contextos urbanos. Busca-se, ainda, problematizar o próprio experimento etnográfico, interrogando as possibilidades de tradução — e os equívocos inevitáveis — envolvidos na tentativa de etnografar experiências inefáveis que escapam à linguagem. O objetivo geral é investigar de que modo as alianças *com* vegetais operam como cosmotecnologias de mediação e produção de conhecimento. O estudo dialoga com perspectivas do multinaturalismo e do anarquismo ontológico. A noção de vegetalismo (Luna, 1986) é retomada como chave analítica para reposicionar as plantas-mestras como entidades ativas relacionais e dotadas de agência, capazes de afetar e serem afetadas. Metodologicamente, a pesquisa adota o experimento etnográfico, concebendo o campo não como um dado prévio, mas como uma prática de copresença e abertura, tecida por intra-ações (Barad, 2017), agenciamentos e alianças multiespécies com outros-que-humanos. Em fase exploratória, o estudo investe na construção de ferramentas conceituais e sensíveis que possam sustentar uma futura imersão em campo, propondo uma etnografia colaborativa, responsiva e orientada por um exercício de desaprendizagem, no qual o conhecimento é concebido como tarefa compartilhada com espécies companheiras.

**Palavras-chave:** Ayahuasca; cosmotécnicas; alianças com vegetais; agenciamento multiespécie.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. E-mail: [acaevangelista@gmail.com](mailto:acaevangelista@gmail.com)

## Abstract

This paper emerges from an ongoing doctoral research project concerned with the cosmologies and cosmotechnics involved in urban ayahuasca rituals. The research asks which forms of knowledge are brought into articulation, which come into dispute, and how ayahuasca rituals are resignified in urban contexts. It also seeks to problematize the ethnographic experiment itself by interrogating the possibilities of translation—and the inevitable equivocations—involved in attempting to ethnographically engage with ineffable experiences that exceed language. Its main objective is to examine how alliances with plants operate as cosmotechnologies of mediation and knowledge production. The study draws on perspectives from multinaturalism and ontological anarchism. The notion of vegetalism (Luna, 1986) is revisited as an analytical key for repositioning master plants as active, relational beings endowed with agency and capable of affecting and being affected. Methodologically, the research adopts the ethnographic experiment, conceiving the field not as a pre-existing given, but as a practice of co-presence and openness, woven through intra-actions (Barad, 2017), assemblages, and multispecies alliances with other-than-human beings. At its exploratory stage, the study invests in the development of conceptual and sensory tools capable of sustaining future field immersion, proposing a collaborative and responsive ethnography guided by an exercise in unlearning, in which knowledge is understood as a task shared with companion species.

**Keywords:** Ayahuasca; cosmotechnics; plant alliances; multispecies agency.

## Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado em andamento que se debruça sobre as cosmologias e as cosmotécnicas implicadas em rituais ayahuasqueiros urbanos. A proposta emerge do interesse em investigar, no *devir-com plantas-mestras*, os modos pelos quais materialidades e agências se articulam na constituição da experiência ritual.

Nas últimas décadas, o campo das ciências tem vivenciado o *Renascimento Psicodélico* (Sessa, 2017), impulsionado pela retomada das pesquisas sobre substâncias psicoativas e seus potenciais usos terapêuticos (Rodrigues, 2019). Nesse cenário, a Ayahuasca — tradicionalmente utilizada por povos indígenas, obtida a partir da decoção do cipó *Banisteriopsis caapi* (Jagube) com as folhas de *Psychotria viridis* (Chacrona), podendo incluir outras espécies vegetais (Araújo, 1999; Labate, 2002; Otto, 2007) — tem extrapolado fronteiras e ontologias, inserindo-se em circuitos urbanos e institucionais por meio de novas formas de ritualização.

No Brasil, seu uso ritual não indígena consolidou-se inicialmente na tradição do Santo Daime, na década de 1930, no Acre. Seu fundador, Raimundo Irineu Serra (Mestre Irineu), seringueiro negro, organizou o primeiro grupo ayahuasqueiro, estruturando uma religiosidade cabocla marcada pelas experiências nos seringais e pela presença de migrantes nordestinos na

região amazônica (Labate, 2010; Tófoli, 2003). Esse arranjo sincrético expressa processos históricos mais amplos de formação religiosa no país, nos quais diferentes sistemas simbólicos e cosmológicos se entrelaçam e são ressignificados em contextos específicos de experiência ritual e pertença comunitária.

A partir da região amazônica, a Ayahuasca passou a circular para outras partes do país, movimento acompanhado por adaptações nos usos ritualizados e por disputas em torno de seu status legal (Macrae, 2008). Com o crescente interesse pela substância, sobretudo a partir dos anos 2000, emergem novos grupos, com perfis socioculturais distintos, compostos majoritariamente por pessoas de classes médias ou altas e urbanizadas, denominados por Labate (2002) como *neoayahuasqueiros*. Esses coletivos reinventam (Platero, 2018) e fabricam novas formas de ritualização da Ayahuasca, com seu uso associado a práticas terapêuticas holísticas, filosofias orientais e expressões artísticas.

Essas práticas podem ser interpretadas como processos de re-ritualização das plantas psicoativas (Almeida, 2003), nos quais se articulam o interesse por medicinas da floresta<sup>2</sup> e a busca por experiências numinosas<sup>3</sup> (Otto, 2007) e terapêuticas situadas fora do âmbito estritamente religioso das tradições ayahuasqueiras institucionalizadas.

De forma concomitante, a Ayahuasca passa a integrar agendas de pesquisa científica e a despertar o interesse de mercados biomédicos e farmacêuticos. Esse movimento se expressa, entre outros aspectos, na ampliação do registro de patentes relacionadas a formulações medicamentosas que utilizam a bebida ou seus princípios ativos, especialmente a dimetiltriptamina (DMT) e compostos derivados. No Brasil, centros de pesquisa têm conduzido investigações clínicas com a Ayahuasca em sua forma tradicional — enquanto chá — e com substâncias sintetizadas, deslocando seu uso para regimes laboratoriais e biomédicos de produção de conhecimento (Santos; Sussulini, 2023).

Nesse contexto, observa-se um processo de expansão e transnacionalização da Ayahuasca (Tófoli, 2023), que se manifesta tanto na circulação da substância/bebida quanto na difusão de movimentos religiosos e espiritualistas associados a seu uso. Essa dinâmica evidencia rearranjos ontológicos, políticos e econômicos que acompanham a inserção da Ayahuasca nos campos científicos, mercadológicos e religiosos/espirituais.

---

<sup>2</sup> Refiro-me às medicinas da floresta como um conjunto de práticas e substâncias ancoradas em conhecimentos ancestrais sobre plantas de poder.

<sup>3</sup> Experiências em estados de expansão de consciência, associadas ao uso de substâncias enteógenas. O autor define o numinoso como uma vivência distinta do mundo ordinário, cujos efeitos evocam o sentimento de pertencimento a algo que ultrapassa a individualidade.

Dentre as ressignificações de uso da Ayahuasca em contextos urbanos, tem-se o neoxamânico, presente nas práticas rituais dos grupos neoayahuasqueiros. A ritualística neoxamanica retoma elementos das religiões ayahuasqueiras pioneiras e, ao mesmo tempo, constitui-se no entrecruzamento com outras matrizes religiosas/espirituais, terapêuticas e cosmológicas. Mais do que uma justaposição de referências heterogêneas, trata-se de uma composição ritual na qual distintos regimes de saber e de presenças são articulados e evocados de modo situado, mobilizando repertórios indígenas, afro-brasileiros, orientais e terapêuticos. Nesses arranjos relacionais, o que está em jogo não são apenas formas de representação, mas modos de intra-ação (Barad, 2017)<sup>4</sup> e de coimplicação multiespécie.

Se, por um lado, essas ritualísticas tensionam o paradigma antropocêntrico dominante — ao reconfigurarem as relações entre humanos e outros-que-humanos e ao abrirem espaço para outras concepções de bem-viver e desenvolvimento —, por outro, essa convergência tem impulsionado a circulação ampliada de cosmologias da Amazônia e do Sul Global. Esse processo ocorre, contudo, acompanhado por ressignificações que, não raro, produzem deslocamentos e fraturas — por vezes, *disruptivas ontológicas* —, marcados por assimetrias epistêmicas e relações pouco horizontalizadas. Nesses cenários, a legitimidade, a centralidade e os saberes dos povos indígenas historicamente vinculados à Ayahuasca tendem a ser marginalizados ou subsumidos por outros regimes de validação.

É nesse emaranhamento que emergem disputas, recombinações e traduções de cosmogonias, revelando dinâmicas próprias de circulação e rearticulação entre ontologias distintas, sobretudo quando transpostas para contextos urbanos.

Diante desse contexto, a questão central que orienta esta pesquisa é: quais conhecimentos se combinam e quais entram em disputa nos processos de ressignificação dos rituais ayahuasqueiros em contextos urbanos? Em paralelo, problematiza-se o próprio fazer etnográfico, interrogando: quais traduções são possíveis — e quais equívocos se tornam inevitáveis — quando se busca etnografar experiências, práticas e intra-ações que frequentemente escapam à linguagem conceitual?

Assim, interessa-me investigar as práticas rituais de grupos neoayahuasqueiros em contextos urbanos e as cosmologias que nelas se engendram. O objetivo geral consiste em investigar de que modo as alianças *com* vegetais operam como cosmotecnologias de conhecimento e mediação, articulando regimes específicos de experiência. Especificamente,

---

<sup>4</sup> Conceito central no realismo agencial de Karen Barad (2017) que refere-se a dinâmicas materiais e não determinísticas por meio das quais fronteiras, propriedades e significados se constituem no próprio acontecer do fenômeno.

busca-se identificar as cosmologias e cosmotecnologias mobilizadas nesses rituais e explorar a etnografia como prática experimental, reconhecendo que a escrita implica o risco — ou a entrega — de simplificar aquilo que, muitas vezes, é inefável e escapa à linguagem.

A pesquisa dialoga com as perspectivas do multinaturalismo e do anarquismo ontológico, mobilizando contribuições de Anna Tsing (2015), Marisol de la Cadena (2024) e Mauro Almeida (2022), entre outras autoras/es. A noção de vegetalismo (Luna, 1986) é retomada como ponto de partida analítico para reposicionar as plantas-mestras como entidades vegetais, dotadas de agência e capacidade de afetar e serem afetadas.

A metodologia adotada é o experimento etnográfico, no qual o campo de pesquisa não é tomado como um dado preexistente, mas como uma prática de copresença, tecida a partir das intra-ações, dos agenciamentos e das alianças multiespécies com vegetais, humanos e outros-que-humanos. A pesquisa vem sendo conduzida junto a grupos neoayahuasqueiros, autodenominados Centros Espíritas Universalistas (CEUs), localizados nas Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte (MG) e Vitória (ES).

A opção pela etnografia se entrelaça à construção de uma matriz de inteligibilidade do agenciamento da Ayahuasca por oportunizar o estranhamento de (aparentes) dicotomias — como particular e geral, florestal e urbano, naturezas e culturas, humanos e não humanos. Essa abordagem permite tensionar leituras centradas exclusivamente em estruturas, funções ou processos (Goldman, 2003), privilegiando uma atenção às relações, aos afetos e às práticas em sua dimensão situada.

A pesquisa encontra-se em fase exploratória e reflexiva, dedicada à construção de ferramentas conceituais e corporais. Trata-se de um momento de experimentação de modos sensíveis de percepção e escuta, capazes de responder aos desafios de etnografar práticas que reivindicam saberes ancestrais e outras formas de habitar e compreender mundo(s).

Nesse sentido, o estudo justifica-se por evidenciar outras epistemologias e temporalidades, contribuindo para tensionar concepções hegemônicas de conhecimento e ampliar o debate antropológico sobre ontologias relacionais. Não se trata de reduzir essas ontologias aos termos do realismo científico, mas de localizar os efeitos pragmáticos das teorias cosmológicas por elas mobilizadas.

Mais do que descrever tais práticas, este trabalho busca pensar junto, preparando o terreno para um campo colaborativo e responsivo. O experimento etnográfico que aqui se inicia é também um exercício de desaprendizagem: um convite a suspender certezas

disciplinares e abrir-se à possibilidade de que o conhecimento seja compartilhado com espécies companheiras.

Por fim, os pressupostos que orientam esta investigação ancoram-se na premissa de que a natureza humana é uma relação entre espécies (Tsing, 2015). É nesse entrelaçamento que a Ayahuasca é agente — não apenas uma substância psicodélica — mediando encontros e convocando humanos e outros-que-humanos à coabitação sensível e à copresença no mundo.

Dessa forma, este estudo não reivindica a neutralidade. Ao contrário, coloco-me como pesquisadora situada, implicada e afetada. Minha escrita é atravessada por crenças e formas de fazer-saber presentes nas ritualísticas com Ayahuasca, reconhecendo que o conhecimento coproduzido emerge dessa implicação. Assumir essa posição explicita as condições relacionais que tornam esta pesquisa possível, situando o gesto analítico no campo de afetações que o constitui.

### **Percurso teórico-metodológico**

Para situar o percurso teórico-metodológico da pesquisa, apresento elementos do processo de regulamentação da Ayahuasca no Brasil. Esse marco normativo incide sobre o campo de estudo, tanto na conformação institucional dos grupos neoayahuasqueiros investigados quanto nos regimes de legitimidade que sustentam os usos rituais da substância em contextos urbanos. A regulamentação configura, assim, um campo de disputas, tensionamentos, negociações e traduções que atravessam as práticas e cosmologias mobilizadas pelos coletivos ayahuasqueiros, produzindo efeitos nas formas de organização ritual e nos modos de circulação da Ayahuasca.

No Brasil, esse processo consolidou-se a partir de mobilizações e diálogos conduzidos, sobretudo, por integrantes das religiões ayahuasqueiras pioneiras. Essas articulações culminaram, em 2004, na criação, pelo Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), de um Grupo de Trabalho destinado à avaliação do uso da bebida. As discussões realizadas nesse espaço reuniram, pela primeira vez, representantes dessas religiões, pesquisadores de diferentes áreas e outros atores institucionais, resultando na resolução sancionada pelo Estado brasileiro em 2010. A normativa do CONAD estabeleceu uma deontologia para o uso da Ayahuasca, definindo princípios e regras que passaram a balizar sua regulamentação (Labate; Feeney, 2011; Tófoli, 2023).

A partir desse marco, foram vedadas a distribuição comercial, o uso terapêutico, o turismo, a publicidade e o consumo da Ayahuasca associado a substâncias ilícitas. Instituíram-se normas para o transporte da bebida, para a colheita das plantas-mestras e para o seu feitiço, sendo autorizados o preparo, o armazenamento e o consumo exclusivamente no âmbito de rituais religiosos realizados por grupos formalmente registrados. Nesse contexto, surgem os Centros Espíritas Universalistas (CEUs). Ao mesmo tempo, passaram a ser incentivadas pesquisas científicas voltadas à avaliação de seus potenciais terapêuticos, reconhecendo-se, ainda que de forma regulada, a circulação da Ayahuasca entre diferentes regimes de saber.

O estabelecimento dessa normativa não dialogou com os povos indígenas, que têm requerido retomar protagonismo no uso da Ayahuasca no cenário mundial, sendo presenças mais constantes nos debates públicos sobre o tema e organizando conferências para traçar estratégias de enfrentamento à comercialização sem regras do chá e sua apropriação por empresas, comunidade científica e grupos religiosos/espiritualistas. De acordo com Tukano (2022), estima-se que aproximadamente 160 povos indígenas utilizam a Ayahuasca. Esse movimento culmina na criação do Conselho de Lideranças Espirituais, sob coordenação do Instituto Yorenka Tasorensi de Benki<sup>5</sup>.

Esse percurso dialoga com debates antropológicos que situam as religiões ayahuasqueiras brasileiras e os coletivos neoayahuasqueiros urbanos no campo dos sistemas neoxamânicos (Langdon, 1996). Nessa perspectiva, o neoxamanismo pode ser entendido como uma cosmologia relacional historicamente situada, constituída em dinâmicas de circulação, tradução e reinvenção (Labate, 2010). Trata-se de uma formulação que evidencia o caráter não estático do xamanismo, cujas compreensões se deslocam em consonância com transformações analíticas e empíricas, sobretudo nas interlocuções entre xamanismos ameríndios e modalidades urbanas não indígenas de prática xamânica (Platero, 2018).

É nesse horizonte que a expansão do uso ritual da Ayahuasca em contextos urbanos tensiona as noções de autenticidade e tradição ao colocar em relação xamanismos indígenas e o neoxamanismo, produzindo alianças, apropriações e disputas em torno de práticas ritualizadas, cosmologias vegetais e regimes de cuidado. A reivindicação crescente de protagonismo indígena no debate público sobre a Ayahuasca evidencia, ainda, assimetrias de

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/noticias/indigenas-buscam-retomar-protagonismo-no-uso-de-ayahuasca>. Acesso em 24. Abr. 2025

poder e disputas políticas em torno da circulação das chamadas medicinas da floresta, recolocando questões relativas à legitimidade.

A presente pesquisa tangencia-se esse debate ao ser conduzida junto ao Centro Universalista Vovó Jurema, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG), e à ComunÍndios, na Região Metropolitana de Vitória (ES). Integro o CEU Vovó Jurema como membra desde 2022, acompanhando de modo continuado seus rituais. A inserção na ComunÍndios iniciou-se em 2025, ampliando minha vivência ritual e permitindo contrastes e aproximações entre as cosmotécnicas co-produzidas.

O acompanhamento etnográfico possibilitou observar materialidades, corporalidades e afetos na coprodução de experiências situadas. Privilegiei as formas simbólicas, arquetípicas e sensoriais mobilizadas nos rituais, compreendidas como cosmologias em ato. Ao partir de um campo situado em uma paisagem familiar (Tsing, 2015), concentrei-me nas cosmotécnicas ayahuasqueiras mobilizadas *com* alianças vegetais tecidas nos rituais — folhas, cipó, chá, altar, fogo, defumação, rezas e cantos — que serão detalhadas em sequência. Essas práticas organizam modos específicos de devir-com a Ayahuasca, planta-mestra que agencia as experiências.

Meu pertencimento ao CEU Vovó Jurema implicou tensionar o fazer etnográfico a partir de uma abordagem que privilegia a aproximação relacional, conforme proposta por Damásio (2022), deslocando a expectativa da antropologia clássica de distanciamento como condição de produção do conhecimento. Assumir uma posição situada possibilitou-me acessar formas de organização, circulação de afetos e regimes de cuidado que dificilmente se apresentariam a partir de uma postura exterior. Nesse sentido, o trabalho antropológico desenvolvido junto a esse grupo constrói-se menos como um exercício centrado no eu e mais como uma reflexão produzida no nós, no qual minhas experiências integram o próprio processo analítico.

Esse entrelaçamento de práticas e relações convoca uma cosmopolítica (Stengers, 2005) atenta à multiplicidade de agentes e mundo(s) implicados, ao reconhecer a participação ativa de humanos, plantas-mestras e outros-que-humanos na composição das experiências rituais. As formas de agência mobilizadas nesses contextos projetam modos de existência e abrem possibilidades de futuro que se constituem no próprio fazer ritual.

Assim, caminhar por esse mundo vegetal implica reconhecer que a condição humana se tece no entrelaçamento relacional *com* as plantas, em trocas contínuas de afetos e saberes que atravessam múltiplas formas de vida. As plantas-mestras, ao agenciar relações entre

humanos, vegetais e outros-que-humanos, evocam uma epistemologia relacional (Santos, 2010; Escobar, 2014), na qual o conhecimento emerge da escuta, da afetação e da experiência situada, fazendo emergir verdades pragmáticas (Almeida, 2022).

Na sequência, apresento as cosmotécnicas ayahuasqueiras e os agenciamentos mobilizados nos contextos investigados.

### **Cosmotécnicas ayahuasqueiras e agenciamentos outros-que-humanos**

Esta seção resulta da investigação das cosmologias e das cosmotécnicas implicadas nos rituais neoayahuasqueiros conduzidos no CEU Vovó Jurema e na ComunÍndios. Parto da compreensão de que o campo ritual não se apresenta como cenário previamente dado, mas como um arranjo relacional tecido em encontros multiespécies, tomado aqui como assembleia aberta de formas de vida emaranhadas (Tsing, 2015), na qual materialidades e agências se articulam em coimplicação. Nessa perspectiva, as cosmotécnicas ayahuasqueiras interessam menos como um repertório de práticas do que como modos situados de composição com humanos, plantas-mestras e outros-que-humanos, capazes de engendrar regimes específicos de percepção, cuidado e presença.

Assim, os rituais desses grupos evidenciam uma cosmologia vegetalista (Luna, 1986; Labate; Cavnar, 2014), na qual as plantas-mestras participam ativamente da constituição das relações rituais. A etnografia de Shiatori (2019) amplia esse horizonte ao descrever, entre os Jamamadi, uma ontologia na qual humanos e plantas se constituem em relação recíproca. As plantas não figuram como pano de fundo da vida social, mas integram o núcleo das relações sociais e cosmológicas, participando da produção da pessoa e da própria socialidade. Essa perspectiva ressoa nos rituais observados, em que os processos de mediação e transformação da experiência se modulam na relação *com* as plantas e no *de vir-com* elas, em um contínuo processo de coformação.

Sob essa chave analítica, os *altares ritualísticos* — conforme a Figura 1, que apresenta rituais do CEU Vovó Jurema e da ComunÍndios, respectivamente — reúnem materialidades recorrentes, como a Ayahuasca e os recipientes de servimento e defumação. Esses arranjos configuram um campo relacional a partir do qual encontros, intra-ações, experiências e mediações se tornam possíveis.

Figura 1. Altares ritualísticos. À esquerda, ritual do CEU Vovó Jurema (agosto, 2025), à direita, ritual ComunÍndios (novembro, 2025)



Fonte: Arquivo próprio, Autora, 2025.

O *fogo* é um agente/ser sagrado, sustentador do trabalho ritual e agente de transformação e transmutação. Nesses rituais neoxamânicos, a fogueira também é um altar (Figura 2), e orienta ritmos de circulação, permanência e concentração na ritualística. Sua agência incide sobre as formas de atenção e as intensidades que atravessam a cerimônia. Em sua convergência, o fogo condensa e mobiliza forças, manifestas e não-manifestas, coproduzindo a experiência ritual.

Nesse sentido, o fogo é uma cosmotecnologia performativa (Barad, 2017), cuja agência extrapola o plano simbólico e atua na constituição do espaço-tempo ritual. É em torno da fogueira que se tecem formas de presença, partilhas e comunhão. Nesses contextos, apreendi a *escuta acesa* (Bispo dos Santos, 2023): uma forma de atenção ampliada, sensível ao sutil e ao que (não) é dito, que se manifesta para além da linguagem verbal. Essa escuta envolve corpo, afeto e percepção, produzindo aprendizados interespecies que circulam entre silêncios, gestos, olhares e ritmos compartilhados.

Figura 2. Altar ritualístico: fogueira



Fonte: Arquivo próprio, Autora, 2025.

Articulada ao fogo, a *defumação* é outra cosmotécnica confluyente nos rituais desses grupos. Realizada com ervas e/ou resinas específicas, a defumação percorre corpos-ambientes, modulando densidades energéticas e disposições perceptivas. Opera, ao mesmo tempo, como tecnologia de abertura ao sutil e como prática de demarcação do espaço ritual, produzindo-o como um espaço outro, distinto do cotidiano. Nas cerimônias do CEU Vovó Jurema, a defumação é realizada, comumente, antes do início do ritual, sobretudo no momento de chegada no espaço ritualístico. Já nos rituais da ComunÍndios, essa prática se estende a outros momentos da experiência ritual, acompanhando passagens sensíveis e momentos de intensificação do trabalho. Ao observar essas modulações, foi possível perceber que, embora a defumação integre ambos os contextos como cosmotécnica ritual, ela não performa igualmente em cada um deles. Sua temporalidade, sua recorrência e o modo como acompanha a experiência variam, constituindo, no próprio fazer-saber, aproximações e distinções entre as formas de condução observadas.

Pelo *canto*, faz-se encantamento. Inseridos no mesmo campo relacional que articula materialidades, fogo, fogueira, escuta acesa e defumação, e no devir-com alianças vegetais, os cantos também são estruturantes na tessitura ritual. Orientam a conexão com o sagrado e modulam o corpo coletivo em consagração (Rabelo, 2013), sendo cosmotécnicas de mediação entre o visível e o não-visível (Weik, 2019).

Nesses grupos neoayahuasqueiros, o canto traz repertórios sincréticos que articulam influências indígenas, andinas, orientais e cristãs. Essas composições instauram orientações situadas para o viver e o agir no mundo, instaurando disposições éticas e existenciais compartilhadas. Assim, os cantos articulam voz, respiração e corporalidade. Seu agenciamento relaciona-se à dimensão performativa da vocalização — ritmo, intensidade, repetição e modulação tonal — que incide diretamente sobre os estados corporais e perceptivos dos participantes (Keifenheim, 2002; Weik, 2019).

É por essa colaboração que o encontro se transforma em acontecimento (Tsing, 2015). No campo de estudo, observei que as letras, assim como as variações sutis no andamento e/ou na tonalidade dos cantos produziam alterações perceptíveis na experiência ritual, ora intensificando as mirações<sup>6</sup>, ora favorecendo momentos de recolhimento e integração. Esses deslocamentos evidenciam que, nos rituais, os cantos sustentam a experiência ao modular o corpo coletivo, produzir passagens entre estados de miração e reflexão e reorganizar as formas de atenção compartilhada. Desse modo, o canto constitui dimensão fundamental das ritualísticas, atuando como tecnologia que modula afetos e temporalidades da experiência, intensifica estados de consciência e reorganiza formas de presença outras-que-humanas.

Contudo, os efeitos dos cantos não se ancoram prioritariamente no conteúdo semântico, mas na dimensão performática da vocalização. Keifenheim (2002) e Weik (2019) indicam que ritmo, intensidade e modulação vocal são vetores de afetação, incidindo sobre respiração, postura e atenção.

A etnografia de Keifenheim (2002) entre os Kaxinawá oferece subsídios para aprofundar esses entendimentos, ao evidenciar o papel dos cantadores como mediadores das experiências visionárias. Nessa perspectiva, a autora discorre que os sons atuam como caminhos sonoros que alteram a dimensão temporal da percepção, criando uma ambiência sensível que reorganiza os sentidos. O encerramento dos cantos ocorre apenas quando todos os participantes retornam de suas visões, reforçando a ideia de que “*é só a voz do cantador que pode fazer ressuscitar os ‘mortos’*” (Keifenheim, 2002, p. 117). Desse modo, os cantos conduzem, sustentam e reescrevem a experiência no corpo coletivo.

Assim, o canto é uma cosmotecnologia que atua na interface entre o sensível, o terapêutico e os regimes de saber, entretecendo-se nas alianças com vegetais e na co-produção

---

<sup>6</sup> A miração é um estado de consciência, induzido pela Ayahuasca/Daime, em que o Eu participa ativamente de visões que articulam contemplação e ação. Trata-se de uma experiência transformadora, em que a consciência interage com dimensões espirituais, acessa ensinamentos e atua como co-criadora da realidade, possibilitando cura, revelação e alinhamento com o Eu Superior (Polari, 2015).

de arranjos que reordenam mundos e suas múltiplas relações. Mais do que acompanhar o ritual, o canto é um agente ontológico e vetor de atravessamentos multiespécies, atuando simultaneamente como veículo de conhecimento e de comunicação com outros-que-humanos.

Desse modo, os fenômenos que se estabelecem nos rituais aproximam-se da perspectiva do realismo agencial (Barad, 2017), no qual corpos e relações se fazem e se refazem na intra-ação com outros-que-humanos, em negociações contínuas. À luz dessas contribuições, as experiências ritualísticas implicam engajamento ativo com cosmotécnicas e outros-que-humanos.

Os achados iniciais indicam um deslocamento em direção a uma ética relacional que imbrica interdependências multiespécies. Ao deslocar os termos da análise e expandir os repertórios do que se entende por materialidades e ritualísticas, essas experiências apontam para (outras) formas de viver e celebrar, nas quais o bem-viver se entrelaça às relações com os outros-que-humanos. Nessa perspectiva, o devir-com a Ayahuasca constitui uma forma de engajamento ativo nessas composições, por meio das quais as entidades vegetais produzem experiências e afetações que atravessam pessoas e coletividades. Aliançar-se às plantas, assim, implica compor um campo relacional em que outros-que-humanos participam da coprodução de sentidos, de cuidado e da (re)configuração de mundos.

Ao fazer do corpo e da vocalização pontos de partida para um compromisso ético com o mundo (Ferdinandi, 2022), o humano torna-se locus de transformação e mediação. As ontologias e terapêuticas que emergem da articulação entre saberes tradicionais, práticas neoxamânicas e cosmologias ayahuasqueiras instauram modos próprios de viver e intervir na realidade. Nesse sentido, os rituais configuram um campo cosmológico no qual o conhecimento — ou fazer-saber — é forjado continuamente no devir-com alianças vegetais e outros-que-humanos. São, assim, locus de negociação e produção de mundos, de afetações e de deslocamentos do sentir.

Ao tratar essas experiências como ontologias em ato, torna-se possível realizar uma tradução parcial (Strathern, 2004) das formas de cuidado observadas, comprometida com o reconhecimento de mundos plurais, sem reduzi-los à lógica de um mundo único e hegemônico. Nesse sentido, as alianças com vegetais apontam para deslocamentos nos modos de relação e de ação no mundo, incidindo sobre formas de subjetividade. Trata-se de um convite a cosmoviver (De la Cadena, 2015) com mundos que não buscam uma tradução completa entre si, mas afirmam a convivência multiespécie e o fazer-pensar que emerge do recontar experiências. Nessa direção, evidenciar o conhecimento implicado nessas práticas

requer reconhecer aquilo que elas expressam com o mundo, e não apenas sobre ele (De la Cadena, 2024).

### **Considerações finais para (não) finalizar**

Esta pesquisa, ainda em curso, apresenta achados preliminares que refletem uma fase exploratória do trabalho etnográfico, marcada por aproximações conceituais e pela experimentação metodológica. Ao acompanhar práticas rituais em contextos neoayahuasqueiros, busquei construir uma matriz de inteligibilidade sensível ao agenciamento da Ayahuasca e às cosmotécnicas que dela emergem, sem pretensão de oferecer uma síntese conclusiva. Os apontamentos discutidos devem, portanto, ser lidos como formulações em andamento, abertas a revisões e aprofundamentos na medida em que o campo se adensa e novas camadas de relação, percepção e afetação se tornam apreensíveis.

Do ponto de vista metodológico, a etnografia, atravessada por dimensões (auto)etnográficas, configurou-se como uma prática situada e experimental. A atenção à afetação, à presença e à abertura ao sutil implicou reconhecer a pesquisadora como parte constitutiva das relações que compõem o campo. Nesse sentido, essa escrita foi menos orientada por um ideal de representação totalizante e mais por um esforço de tradução parcial, atento às mediações, aos equívocos e às opacidades implicados em etnografar experiências que frequentemente escapam à linguagem.

A descrição etnográfica também permitiu perceber que, embora os grupos acompanhados compartilhem cosmotécnicas comuns, suas formas de atualização ritual não se distribuem de modo homogêneo. As diferenças observadas na temporalidade da defumação, na condução dos cantos, na centralidade de determinadas materialidades e na modulação dos momentos de intensificação do trabalho indicam que não se trata de uma ritualística unívoca, mas de composições situadas. Esse achado é relevante porque desloca leituras homogeneizantes dos circuitos neoayahuasqueiros urbanos e permite apreender, com mais precisão, as inflexões próprias de cada coletivo, sem perder de vista as aproximações que os conectam.

O percurso realizado até aqui permite sustentar que as cosmotécnicas e as materialidades mobilizadas nos rituais coproduzem a experiência. Ayahuasca, altares, fogo, defumação e cantos agenciam a coprodução de um campo relacional e de modos situados de habitar mundo(s), nos quais conhecimento e transformação se entrelaçam. Mais do que

objetos ou suportes simbólicos, essas materialidades constituem mediações sensíveis que modulam corpos, orientam atenções, organizam presenças e tornam possível a emergência de regimes específicos de percepção.

Nessa direção, um dos insights que emergem deste percurso é que a Ayahuasca, nesses contextos, não pode ser reduzida à condição de substância. Com sua agência, é mediadora de relações, que convoca rearranjos perceptivos, éticos e cosmológicos. Seu agenciamento não se dissocia das demais cosmotécnicas, mas se realiza no entrelaçamento com fogo, canto, fumaça, altar e coletividade. Isso permite compreender que a composição ritual não decorre de uma materialidade isolada, mas de um feixe de presenças que sustentam a experiência.

Nesse contexto, altar, fogo, defumação, escuta acesa e canto engendram condições de presença, tornando comunicáveis mundos que excedem a linguagem conceitual e deslocam fronteiras cognitivas centradas na separação entre corpo, matéria e conhecimento. A materialidade, nesse sentido, comparece como via de conhecimento e elaboração sensível, por meio da qual se aprende, se sente e se conhece no devir-com outros-que-humanos.

Os rituais investigados evidenciam cosmologias relacionais nas quais a centralidade não recai sobre sujeitos individualizados, mas sobre redes multiespécies em contínua composição. A experiência ritual é um campo relacional dinâmico, no qual percepções, afetos, saberes e práticas se fazem e se refazem mutuamente. Ao tomar essas experiências a sério — não como metáforas, mas como mundos em ação —, este estudo abre caminho para reconhecer formas outras de existir, cuidar e produzir conhecimento em tempos de crise.

Como desdobramento, a pesquisa aponta para a necessidade de imersões mais prolongadas e densas, capazes de aprofundar o acompanhamento dos rituais, das diferenças e convergências entre os coletivos observados e das alianças multiespécies que neles se constituem. Interessa avançar, sobretudo, na investigação das implicações cosmopolíticas, éticas e epistemológicas do devir-com plantas-mestras, explorando de que maneira tais cosmotécnicas tensionam fronteiras entre humanos e outros-que-humanos, entre espiritualidade e materialidade. Desse modo, o percurso etnográfico projeta-se adiante, investindo no estranhamento e no reconhecimento de modos outros de presença e escuta, atento às formas pelas quais mundos plurais se fazem presentes na ritualística ayahuasqueira urbana.

## Referências

- ALMEIDA, Mara Zélia. **Plantas medicinais**. Salvador: Edufba, 2003.
- ALMEIDA, Mauro. Anarquismo Ontológico e outras formas de vida: fragmentos para uma antropologia por vir. **Cadernos de Campo (USP)**, São Paulo, 2022.
- ARAÚJO, Wilson. **Navegando sobre as ondas do Daime**: História, cosmologia e ritual da Barquinha. Campinas: Centro de Memória Unicamp, 1999.
- BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. *In*: GONZALEZ, María de la Paz; ANDRADE, Alex (org.). **Ciberfeminismos & ativismos em rede**. São Paulo: Editora da Cidade, 2017. p. 11-40.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora: Piseagrama, 2023.
- DAMÁSIO, Ana Clara. Isso não é uma autoetnografia. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 27, n. 3, p. e46479, set./dez. 2022.
- DE LA CADENA, Marisol. **Earth-Beings**: Ecologies of Practice Across Andean Worlds. Durham: Duke University Press, 2015.
- DE LA CADENA, Marisol. **Seres-Terra**: Cosmopolítica em mundos andinos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.
- ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar com a terra**: territorialidades e redes de vida. São Paulo: Elefante, 2014.
- FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, v. 46, p. 445-476, 2003.
- KEIFENHEIM, Barbara. Nixi pae como participação sensível no princípio de transformação da criação primordial entre os índios Kaxinawá no leste do Peru. *In*: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lúcia (org.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 95-125.
- LABATE, Beatriz Caiuby. A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras. *In*: **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 229-274.
- LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca**: de patrimônio imaterial a recurso terapêutico. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.
- LABATE, Beatriz Caiuby; CAVNAR, Clancy (ed.). **Ayahuasca Shamanism in the Amazon and Beyond** [Xamanismo da Ayahuasca na Amazônia e Além]. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- LABATE, Beatriz Caiuby; FEENEY, Kevin. O processo de regulamentação da ayahuasca no Brasil e na esfera internacional: desafios e implicações. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 3, n. 2, p. 1-28, jul./dez. 2011.
- LANGDON, Jean Matteson (Org.). **Xamanismo no Brasil: novas perspectivas**. Florianópolis. Editora da UFSC. 1996
- LUNA, Luis Eduardo. **Vegetalismo**: Shamanism Among the Mestizo Population of the Peruvian Amazon. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 1986.
- MACRAE, Edward. A elaboração das políticas públicas brasileiras em relação ao uso religioso da ayahuasca. *In*: **Drogas e cultura**: Novas perspectivas. Salvador: UFBA, 2008. p. 289-313.

- OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PLATERO, Lígia. **Reinvenções daimistas**: uma etnografia sobre a aliança entre uma igreja do Santo Daime e o povo indígena Yawanawá (Pano). 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- POLARI, Alex. **Miração e a consciência xamânica**. 2015. Disponível em: <https://www.santodaime.org/site/ritual/a-miracao>. Acesso em: 1 jul. 2025.
- RABELO, Kátia Benati. **Daime Música**: Identidades, transformações e eficácia na música ritual da doutrina do Daime. 2013. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- RODRIGUES, Sandro. **Introdução ao uso de psicodélicos em psicoterapia**. Rio de Janeiro: APB, 2019.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, Emerson Andrade Ferreira dos; SUSSULINI, Alessandra. Metabolômica da ayahuasca. *In*: LABATE, Beatriz Caiuby; ROSE, Isabel Santana de; SANTOS, Rafael Guimarães dos (org.). **Ayahuasca: visões multidisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 223-228.
- SESSA, Ben. **The psychedelic renaissance**: reassessing the role of psychedelic drugs in 21st century psychiatry and society. 2. ed. London: Muswell Hill Press, 2017.
- SHIRATORI, Karen. O olhar envenenado: a perspectiva das plantas e o xamanismo vegetal jamamadi (médio purus, am). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 159-188, jan./abr. 2019.
- STENGERS, Isabelle. **Conservar o futuro**: uma ética para a ciência e a política. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- STRATHERN, Marilyn. **Partial Connections**. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2004.
- TÓFOLI, Luis Fernando. **Os Exploradores do Novo Mundo**: Uma Análise do Uso da Ayahuasca no Contexto de um Grupo Religioso em São Paulo. 2003. Tese (Doutorado em Medicina Preventiva) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177–201, jan./abr. 2015.
- WEIK, Christian. Música de Ayahuasca no dispositivo neoxamânico: A Amazônia do global ao local. **Revista Txai: Teatralidades Amazônicas – Práticas e Reflexões**, v. 1, n. 1, 2019.